

O PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS AUTISTAS NOS ANOS INICIAIS

(THE TEACHING AND LEARNING PROCESS OF AUTISTIC CHILDREN IN THE EARLY YEARS)

Camila Alves de Oliveira Freitas¹
Nicole da Silva Cruz Lima²
Patrícia Almeida Castro³
Rosemary do Nascimento Viana⁴

RESUMO

O autismo é um transtorno que envolve o distúrbio do desenvolvimento, sendo muito presente no ambiente escolar. Contudo, em virtude de inúmeras demandas de crianças com autismo nas escolas, um dos grandes desafios dos docentes envolve a inclusão desses alunos no ensino regular mesmo existindo leis educacionais que asseguram isso. Com base nisso, esta pesquisa busca identificar os principais desafios dos professores no processo de aprendizagem de crianças com autismo nos anos iniciais e verificar estratégias de ensino aplicadas a crianças com autismo. A metodologia utilizada foi uma pesquisa exploratória em uma escola municipal no Eusébio. Como instrumento de coleta de dados foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com a coordenadora e duas professoras que possuem alunos com autismo. A partir da discussão dos dados percebeu-se o grande interesse por parte das profissionais em oportunizar a aprendizagem e o ensino aos alunos com autismo, buscando alternativas para incluí-los no contexto escolar. Entretanto, observou-se a carência de formação continuada. Através disso, constatou-se a necessidade da escola proporcionar um ambiente propício à inclusão e promoção de uma formação continuada.

Palavras-chaves: Ensino-aprendizagem. Autismo. Anos iniciais.

ABSTRACT

Autism is a disorder that involves development disorder, being very present in the school environment. However, due to the numerous demands of children with autism in schools, one of the great challenges of teachers involves the inclusion of these students in regular education even though there are educational laws that ensure this. Based on this, this research seeks to identify the main challenges of teachers in the learning process of children with autism in early years and to verify teaching strategies applied to children with autism. The methodology used was an exploratory research in a municipal school in Eusebio City. Semi-structured Interviews were used as a data collection instrument applied with the coordinator and two teachers who has students with autism. From the discussion of the data, it was perceived the great interest on the part of professionals in opportunistic learning and teaching to students with autism, seeking alternatives to include them in the school context. However, there was a lack of continuing education. Through this, it was found the need for the school to provide an environment conducive to the inclusion and promotion of continued training.

Keywords: Teaching-learning. Autism. Early years.

¹ Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Ateneu. E-mail: camilaalves8934@gmail.com

² Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Ateneu. E-mail: nicolecruz4685@gmail.com

³ Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Ateneu. E-mail: patriciahaco37@gmail.com

⁴ Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Ateneu. E-mail: rosemarynascimento89@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Observando o cenário educacional atual, percebe-se cada vez mais a presença de crianças com autismo nas escolas. Sem dúvidas o Transtorno Espectro Autista (TEA) tem crescido significativamente e passado por grandes desafios na perspectiva de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, vale salientar que o ambiente escolar deve funcionar como agente do processo de inclusão e oferecer juntamente com sua equipe pedagógica capacitada o suporte necessário para essas crianças.

De acordo com Peres (2022), o Transtorno Espectro Autista atinge 1% a 2% da população mundial e no Brasil há aproximadamente 2 milhões de pessoas com autismo. Ao se tratar especificamente do público infantil, ainda segundo o autor, através dos dados da Center of Diseases Control and Prevention (CDC) – órgão do governo dos Estados Unidos, estima-se que para cada 110 crianças uma possui autismo. Nesse sentido, é notória a importância da temática para o presente momento e para os vindouros, sobretudo no meio educacional já que se espera uma educação que inclui o indivíduo e potencializa suas habilidades.

Nesse contexto, a motivação dessa pesquisa nasceu por conta do nosso contato diário com crianças com autismo sejam elas alunos, sejam familiares, assim como através da disciplina de Fundamentos da Educação que tivemos no início da graduação, na qual se tratou a respeito da temática da educação especial. Por conseguinte, foram realizados seminários voltados para o autismo e, através disso, pensou-se na possibilidade de aprofundar ainda mais o estudo já iniciado.

Dessa forma, o presente estudo procura demonstrar a perspectiva do docente em sala de aula ao se deparar com alunos que possuem autismo e seus principais desafios como educador e mediador da aprendizagem, a fim de que o ato de aprender possa ser construído pelo educando de forma gradual e contínua. Diante disso, esta pesquisa visa refletir sobre os principais desafios dos docentes em lecionar para crianças com autismo nos anos iniciais.

Partindo desse contexto, surgiu a seguinte problemática: Quais os principais desafios encontrados pelos docentes perante o ensino e aprendizagem de crianças com autismo nos anos iniciais?

Para responder esse questionamento, foram determinados os seguintes objetivos específicos: identificar os principais desafios dos professores no processo de aprendizagem de crianças com autismo nos anos iniciais e verificar estratégias de ensino aplicadas a crianças com autismo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Um breve histórico do autismo na infância

A educação especial sempre foi um tema desafiador e de muita repercussão. Dessa forma, vamos trazer um recorte histórico acerca do tema. De acordo com Aparecida apud Correia (2016), na Roma antiga, por exemplo, as crianças que nasciam com alguma deficiência ou algum “defeito” geralmente eram mortas, lançadas de penhascos, inclusive em muitos outros países chegavam até ser consideradas como “demônios.” Por esse motivo, eram tidas como excluídas da sociedade e não tinham sequer a oportunidade de viver, quanto menos de ir à escola. Infelizmente, por um bom tempo, esse pensamento mostrou-se predominante. Segundo a autora, acredita-se que o primeiro indício de educação especial no Brasil ocorreu no início do século XIX, na qual foram criadas, por D. Pedro II, as primeiras escolas voltadas para alunos surdos e mudos, assim também como deficientes visuais.

Até então, pouco se sabia sobre a temática e sobre o surgimento de algumas deficiências relacionadas ao cérebro. Pelo que se sabe, em 1938, surge o primeiro caso de autismo no mundo, o chamado “caso 1” identificado em um menino de 5 anos, descoberto por Leo Kanner, um psiquiatra austríaco que tempos depois ficaria conhecido como “Pai do autismo”. Kanner havia identificado no menino um comportamento “fora dos padrões” para crianças da mesma idade. O que mais chamava atenção era o fato do total desinteresse do pequeno em desenvolver alguma interação social. Ele se mantinha quieto em seu próprio espaço, evitando vínculos afetivos e atividades que exigissem a coletividade.

Durante longos anos o autismo ou TEA foi enxergado com “maus olhos” no que diz respeito à educação. Pensava-se inclusive na possibilidade de que as crianças com autismo não se encaixariam em uma escola regular, já que a instituição escolar é vista como um ambiente cercado por uma interação ativa. Dessa forma, o autismo como um transtorno que possui níveis, muitas vezes pode ser encarado de forma despercebida. Há casos que apenas possuindo a convivência com o indivíduo poderá notar-se comportamentos que permeiam traços de alguém com autismo. Entretanto, há outros em que se pode perceber a presença da deficiência intelectual, que por ser um distúrbio de desenvolvimento pode afetar no processo de comunicação, podendo ter algumas limitações no processo cognitivo.

Atualmente, entende-se que a criança com deficiência precisa estar em convívio com outras crianças, para que estas possam estabelecer um contato não apenas físico, mas de interação social. No que diz respeito ao autismo, o vínculo social se torna um pouco mais desafiador. Logo, para que a inclusão possa ser realizada, é necessário que haja a participação de ambos os alunos no ambiente escolar.

De acordo com a Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2010), a Organização mundial de Saúde (OMS) estima que cerca de 10% da população de qualquer país em tempo de paz possui algum tipo de deficiência, das quais: 5% é pessoa com deficiência mental; 2% com deficiência física; 1,5% com deficiência auditiva; 0,5% com deficiência visual; e 1% com deficiência múltipla. Logo percebe-se o quanto é indispensável tratarmos desse assunto, sobretudo no meio educacional, que acompanha cada década do processo de desenvolvimento do homem, especialmente o cognitivo. No que diz respeito a necessidades cognitivas, tem-se um ambiente ainda mais complexo, já que as dificuldades enfrentadas por quem possui podem ser quase invisíveis para quem observa de fora.

O artigo 3º da Lei nº 7.853/89 conceitua deficiência como “toda perda, anormalidade anatômica ou psicológica que gere a incapacidade para o desempenho de atividades dentro do padrão considerado normal para o ser humano”. Nesse sentido, percebe-se a necessidade de políticas públicas e meios eficazes para que se garanta a integração destes no meio social de forma coerente e significativa. E, de acordo com a Lei nº 12.764/12, as pessoas que possuem

Espectro Autista são consideradas deficientes para todos os efeitos legais. Tal Lei, também conhecida como Lei “Berenice Piana”, estabelece uma Política Nacional de Proteção dos Direitos das Pessoas com Autismo.

Foram muitos embates para que as crianças com autismo conseguissem adentrar ao ensino regular. Cabe citar de início a Constituição Federal de 1988, um dos primeiros documentos a garantir a inclusão dos alunos com deficiência. Mas somente muitos anos depois foi aprovada a Lei da Inclusão (Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015), que, consoante a Constituição, detalha e garante o ensino inclusivo.

2.1.2 O autismo e suas principais características

A deficiência intelectual é demonstrada através do atraso do desenvolvimento psíquico do indivíduo, que pode comprometer sua interação social. Um exemplo disso é o autismo, que, quando manifestado, dificulta a capacidade da pessoa se comunicar, demonstrando alguns

comportamentos repetitivos e sem sentido para os que estão ao redor.

O Transtorno de Espectro do Autismo (TEA) ou Autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento, e, em razão dele, algumas funções neurológicas não se desenvolvem como deveriam nas respectivas áreas cerebrais. Pode ser caracterizado como um tipo de necessidade especial da psiquê pelo fato de afetar significativamente o intelecto. É uma condição muito complexa. O TEA não é classificado como uma doença e nem como uma síndrome, já que ninguém conhece seu gene causador. É utilizado para denominar comportamentos humanos voltados para o próprio indivíduo. Praça (2011, p. 25) explica que a criança com autismo

[...] permanece em seu mundo interior como um meio de fugir dos estímulos que a cerca no mundo externo. Outro motivo para o autista permanecer em seu universo interior é o fato de que, em geral, o autista sente dificuldade em se relacionar e em se comunicar com outras pessoas uma vez que ele não usa a fala como meio de comunicação. Não se comunicando com outras pessoas acaba passando a impressão de que a pessoa autista vive sempre em um mundo próprio, criado por ela e que não se interage fora dele.

Dessa forma, muitas vezes o autista é mal interpretado por não se relacionar diretamente com as pessoas ao seu redor, apresentando falhas comunicativas. As crianças que são diagnosticadas costumam apresentar déficits na interação com os familiares e amigos, interesses restritivos e padrões repetitivos. Como cada indivíduo apresenta um sintoma diferente, as crianças com TEA podem apresentar, dentro dessas características, todos os sintomas ou apenas alguns sintomas, depende de criança para criança. Assim, quanto mais cedo estes forem percebidos, mais chance a criança tem de ter um futuro com independência e autonomia.

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V, 2013), o autismo pode se manifestar em diferentes níveis, indo de graus leves, com pouco comprometimento de interação social, até os mais graves com comportamentos compulsivos. Apontam-se três níveis: *nível 1* - leve, a criança apresenta pouca dificuldade no seu desenvolvimento, apresenta prejuízos, mas não precisa de tanto suporte; *nível 2* - Moderado, a criança apresenta déficit em algumas habilidades, necessita de suporte maior, apresentando déficits na conversa e dificuldade na interação social; *nível 3* - severo, a criança na maioria das vezes necessita de suporte para exercer algumas atividades, apresenta prejuízos graves nas interações sociais e não tem respostas e aberturas sociais. Destaque-se que cada nível apresenta sua peculiaridade no que diz respeito ao comportamento do indivíduo e a forma como tal é capaz de compreender determinado assunto.

Nesse sentido, cabe citar que, perante as dificuldades enfrentadas, a criança com autismo precisa de assistência familiar, sobretudo da escola, que deve estimular e trabalhar seu aspecto social e interativo. Sabe-se que a escola tem como principal papel direcionar os alunos ao conhecimento, independente das condições físicas, motoras ou psíquicas do educando. Entende-se que os autistas possuem certa dificuldade para assimilar determinados assuntos, todavia a escola não deve menosprezá-los por sua forma diferente de ser, mas sim buscar atividades que se adaptem ao perfil deles. Vale salientar que a matrícula de alunos autistas no ensino regular é garantida pela Lei nº 12.764/2012, que assegura o direito destes a uma educação de qualidade.

Santos (2008) afirma que a escola tem o papel importante na investigação diagnóstica, uma vez que é o primeiro lugar de interação social da criança separada de seus familiares. É onde a criança vai ter maior dificuldade de se adaptar a regras sociais, o que é muito difícil para a maioria dos autistas. É um processo desafiador, sobretudo para os professores que precisarão qualificar-se, assim também como procurar novas formas de ensino para que se encaixem na realidade desses alunos.

Dessa forma, o aluno que apresenta autismo necessita de um direcionamento do educador para melhor entendimento dos conteúdos e para melhorar o seu desenvolvimento e até mesmo relacionamento com as outras pessoas. Cabe à escola compreender que é necessária a inclusão da criança com espectro autista em sala de aula, assim como a presença de um profissional especializado.

2.2. Desafios e possibilidades no processo de aprendizagem da criança com autismo.

O professor possui um papel fundamental na vida do educando, atuando como mediador e facilitador da aprendizagem. Todavia, ao se tratar das práticas pedagógicas para alunos com autismo, muitos docentes não estão preparados para lidar com as diferentes limitações de tais alunos, não sabendo utilizar estratégias de intervenção da aprendizagem, por isso o professor precisa buscar uma formação continuada.

Gadotti (2011) afirma a importância da formação continuada dos professores. Nesse sentido, deve-se fazer uma contextualização entre a práxis (teoria e prática) de forma crítica e reflexiva. Para o autor, essa nova formação deve ser encarada não como uma mera atualização de uma receita pedagógica, mas como um aprofundamento do objeto de estudo. Por isso, é importante que o professor esteja sempre buscando novos módulos, cursos e recebendo capacitações para atuar em sala de aula, pois assim estará cada vez mais articulado com a realidade das escolas.

Outro ponto muito importante é que o docente deve conhecer o aluno para, então, realizar as intervenções. Segundo Menezes (2019), o docente deve começar seu trabalho a partir de uma observação. Isso porque a aprendizagem dos alunos autistas é cercada por diversos desafios, sendo fundamental uma percepção de um professor mais especializado e sua capacidade de identificar detalhes fundamentais no desenvolvimento das crianças com autismo, ou seja, cabe ao professor analisar e compreender a forma mais apropriada para que o aluno alcance o conhecimento.

Para se aplicar a metodologia de ensino, primeiro o professor precisa incluir o aluno, mesmo que por vezes não consiga estabelecer uma comunicação direta devido a sua linguagem ser diferenciada, não pode se limitar ao aluno com autismo, pois este também é capaz de compreender o que está ao redor de sua maneira.

Assim também a escola deve propiciar um ambiente que respeite, acolha e estimule o progresso de cada aluno. De acordo com a Declaração de Salamanca (1994) – uma resolução das Nações Unidas que trata dos princípios, política e prática em uma educação especial –, o princípio fundamental das escolas inclusivas é saber reconhecer e responder as necessidades de diversos alunos acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem, assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado.

Nesse sentido, o professor, como um agente da educação, precisa ter um suporte escolar, estabelecendo um diálogo contínuo com a equipe pedagógica a fim de que o ensino inclusivo se torne eficaz no âmbito educacional. De acordo com Cunha (2015), o professor deve conhecer o seu discente, procurando compreender suas habilidades e dificuldades no processo de ensino-aprendizagem. A construção da confiança e diálogo com os alunos é de extrema importância para a construção significativa de interação no seu trabalho pedagógico, assim como uma atenção mais individualizada. Conforme Silva (2012, p.109),

Para as crianças com autismo clássico, isso é aquelas crianças que tem maiores dificuldades de socialização, comprometimento repetitivos, fica claro a necessidade de uma atenção individualizada. Essas crianças já começam sua vida escolar com diagnóstico e as estratégias individualizadas vão surgindo naturalmente. Muitas vezes elas apresentam atrasos mentais e, com isso, não conseguem acompanhar a demanda pedagógica como as outras crianças. E para essas crianças serão necessários acompanhamentos educacionais e individualizados.

Para a maioria dos autistas, os progressos são lentos, às vezes mínimos quando comparados ao quadro de desenvolvimento normal. Então o professor deve buscar recursos que estimulem o aluno com autismo a estar mais apto para aprendizagem. Todavia, vale salientar

que nem sempre o profissional da educação conta com esses recursos e artifícios que facilitam a aprendizagem desses alunos.

De acordo Moreira (2014), muitas vezes a escola não está preparada para desenvolver um plano pedagógico voltado para crianças com autismo, logo a maioria dos recursos necessários são promovidos por docentes que se interessam pela temática e procuram aplicar o que vivenciam na formação continuada em sala de aula.

Como forma de penetrar no mundo da criança autista, o professor deve buscar estratégias, sobretudo visuais. A presença de imagens e fotos podem ser capazes de auxiliar na compreensão dinâmica de atividades do cotidiano, percorrendo uma forma atrativa da criança compreender aquilo que está ao seu redor. Assim, é importante que o professor esteja atento às preferências do aluno, seus interesses e busque interligá-los ao processo de ensino.

Nesse sentido, é importante o professor conhecer o nível do autismo do aluno para que possa identificar limitações no processo de aquisição do conhecimento. Cabe ao professor utilizar as vivências desse aluno e estimulá-lo a estabelecer um vínculo com a aprendizagem, levando em conta seu contexto escolar, esse que é fundamental no processo de inclusão e na promoção de uma educação igualitária.

3. METODOLOGIA

3.1 Tipo da pesquisa

A presente pesquisa se classifica como exploratória, pois tem como meta “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito” com o apoio de levantamento bibliográfico e entrevistas para diversos atores do processo de ensino-aprendizagem, sobretudo os professores que atuam diretamente no ato de instruir os educandos, assim como coordenadores, que auxiliam o corpo docente e a secretaria da escola que contabiliza a quantidade de alunos matriculados, no caso, a respeito dos alunos autistas. (GIL, 2010, p. 27).

Nesse sentido, também se constitui uma pesquisa de campo, no que se refere ao ambiente onde os dados serão coletados (GIL, 2010). Com base em Marconi (2010), a pesquisa de campo tem como objetivo conseguir informações ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas.

O presente estudo se classifica como qualitativa quanto à natureza dos dados, pois busca-se compreender a realidade pela ótica dos sujeitos, no caso, os professores e o coordenador(a). De acordo com Triviños (1987, p.124), “a pesquisa qualitativa é conhecida como estudo de campo, estudo qualitativo, interpretativo e simbólico. Dessa forma, alguns desses informes dão suportes teóricos claros sobre o que será interpretado na realidade.” Nesse sentido, está se dá através de uma análise criteriosa de dados e informações, de forma organizada e planejada, no qual o objetivo da pesquisa é a compreensão dos dados coletados.

3.2 Local e participantes da pesquisa

Essa pesquisa foi realizada em uma escola municipal do Eusébio, localizada no centro do município, a qual chamaremos de “Escola Arco-íris”, nome fictício dado à instituição para preservar sua identidade. A escola conta com cursos regulares da educação infantil ao ensino fundamental I no período da manhã e tarde. Foi fundada em 1992, pela prefeitura municipal de Eusébio, tendo como seu primeiro prédio um espaço pequeno que funcionava com apenas três salas de aulas, oferecendo algumas séries do ensino fundamental.

A instituição atualmente funciona com sete salas de aula, secretaria, banheiros femininos e masculinos, uma sala de AEE, pátio que também serve como refeitório, cozinha com dispensa e sala de multimeios, onde funciona a biblioteca e rádio da escola. Em relação ao quadro de funcionários, a escola esta conta com 15 professores, 3 auxiliares de sala, 2 zeladores, 1 coordenador(a) pedagógico, 1secretário(a) escolar, 1 auxiliar de secretaria e 1 Gestor. A escola possui em média 315 alunos distribuídos nos turnos manhã e tarde. Vale salientar que 9 desses alunos são autistas.

Os participantes ou sujeitos da pesquisa foram duas professoras e uma coordenadora do ensino fundamental I. Foram incluídos nesse estudo as professoras do 3º e 5º ano do ensino fundamental do período da manhã que possuem em sua classe 3 alunos autistas e também uma coordenadora pedagógica. Vale ressaltar que as docentes e a coordenadora concordaram em participar do estudo de forma voluntária.

Denominamos os sujeitos da pesquisa como: professora A, professora B e Coordenadora para preservar a identidade das participantes. Todos os sujeitos são formados em Pedagogia, a professora A não possui especialização, tendo 26 anos de experiência na sala de aula; A professora B é Especialista em Psicopedagogia, Gestão e Coordenação escolar, possuindo 13 anos de experiência na sala de aula; e a coordenadora é Especialista em Psicopedagogia, Libras e Gestão Escolar com 10 meses de experiência na função.

3.3 Coleta e análise de dados

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com duas professoras e uma coordenadora do período da manhã da Escola Arco-íris. Esse tipo de entrevista, segundo Ludwig (2015, p. 66), está “baseada em questões específicas, porém, sem ordenamento rígido”, buscando dar maior profundidade às reflexões quando formuladas através de perguntas abertas, buscando conceder aos entrevistados a possibilidade de falar livremente sobre o tema pesquisado.

A entrevista foi composta por seis perguntas: “Para você, o que é inclusão escolar? , Quais os principais desafios encontrados no processo de ensino e aprendizagem com as crianças com autismo?, Quais as estratégias de ensino utilizadas em sala de aula para incluir a criança com autismo?, Qual a importância do processo do diagnóstico da criança com autismo? A escola promove cursos de formação ou projetos para crianças com autismo?, Como professor(a) você se sente preparado para lidar com crianças com autismo?”

Nessa instâncias, a entrevista foi realizada com a finalidade de levantar dados sobre a compreensão e proximidade das entrevistadas com a temática e a necessidade da inclusão das crianças com autismo no ensino regular.

3.4 Aspectos Éticos

Os sujeitos do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na qual são explicados os objetivos do estudo, os riscos e benefícios, além da participação voluntária e não remunerada e preservação da identidade dos mesmos.

Além disso, foi solicitado ao responsável técnico da instituição onde o estudo ocorreu, a assinatura do Termo de Anuência Institucional, contendo a autorização expressa do mesmo para a realização da pesquisa. Quanto aos riscos deste estudo, consideramos serem mínimos. Não houve nenhum procedimento invasivo à privacidade dos entrevistados.

As entrevistas com os sujeitos da pesquisa (professoras e coordenadora) ocorreram em local fechado e reservado. As entrevistadas puderam, a qualquer momento, optar em não responder às perguntas ou até mesmo interromper a entrevista caso se sentissem constrangidos. Quanto aos benefícios deste estudo, são esperados resultados positivos a respeito da ampliação do conhecimento sobre quais devem ser as perspectivas dos docentes ao se depararem com alunos autistas no ensino fundamental, tendo em vista quais as possíveis contribuições que os profissionais da educação podem realizar quanto a aprendizagem de tais educandos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira pergunta, procuramos identificar **o conceito de inclusão escolar**. A coordenadora e a professora B compartilharam da mesma concepção ao relatar que a inclusão está associada a oportunizar a aprendizagem de forma integral a todas as crianças, como podemos perceber na fala da coordenadora ao afirmar que “É a oportunidade de igualdade diante das diferenças.”

A professora B reafirma esse pensamento ao falar que “a inclusão é proporcionar ao aluno com deficiência as mesmas oportunidades e aprendizados que os alunos sem deficiência.” De acordo com Mantoan (2003), a inclusão nada mais é do que o privilégio de conviver com as diferenças, ou seja, oportunizar o indivíduo a uma nova experiência, a conhecer e compartilhar algo com o outro.

Dessa forma, compreendemos que o ato de incluir a criança no espaço escolar possibilita a todos os envolvidos uma nova oportunidade de observar e conhecer o universo do outro, buscando compreendê-lo da melhor forma, concedendo as crianças com deficiência chances de participação no espaço em que frequenta, sobretudo no meio escolar.

Já a professora A aponta o ingresso na escola regular como forma de inclusão, afirmando que é preciso “inserir as crianças com deficiência nas salas regulares, trabalhando de acordo com cada especificidade.” Dessa forma, ela limita a ideia de inclusão apenas ao contexto da sala de aula não detalhando como acontece essa inclusão e nem as estratégias de ensino utilizadas para isso.

Na segunda pergunta, procuramos verificar **os principais desafios encontrados no processo de ensino e aprendizagem de crianças com autismo**. A professora A e a coordenadora compartilharam da mesma concepção ao mencionarem que os desafios são voltados à falta de um planejamento compatível ao aluno e a ausência de uma formação continuada, como podemos perceber na fala da professora A ao afirmar que é necessário um “planejamento de acordo com as necessidades desses alunos.”

Já a coordenadora ressalta a carência de uma busca maior pelo conhecimento por parte de alguns educadores, afirmando que tudo isso se deve “à falta de formação continuada por parte de alguns profissionais.” Vale lembrar aqui que Gadotti (2011) enfatiza a relevância da formação continuada, realçando-a como um processo de reflexão e experiência em novas descobertas. Dessa forma, ressaltamos a necessidade de uma atualização das metodologias aplicadas pelo professor em sala, buscando conceder ao aluno com autismo uma nova possibilidade de construir o conhecimento.

A professora B, por seu turno, aponta como desafio a falta de “apoio por parteda secretaria da educação, estrutura escolar e falta de material adequado para uso em sala de aula.” Assim, percebe-se que, para se elaborar uma aprendizagem eficaz, o professor precisa do apoio não apenas da gestão, mas de órgãos educacionais que devem disponibilizar recursos financeiros a escola para que esta possa oferecer condições e recursos adequados aos alunos.

Na terceira pergunta, procuramos apontar as **estratégias de ensino para incluir a criança com autismo**, por isso elaboramos a seguinte pergunta: Quais as estratégias de ensino que vocês utilizam na sala de aula para incluir a criança com autismo? A professora A, B e a coordenadora têm percepções diferentes. A professora A fala que “a criança deve ser inserida em todas as atividades, de forma que a mesma possa se sentir parte integrante do meio onde ela está”. A professora B, afirma que “Utilizo atividades diversificadas adaptadas de acordo com o conteúdo da turma, atividades lúdicas.” Dessa forma, é perceptível o processo desafiador que o professor enfrenta, conseqüentemente este deve estar sempre em busca de qualificações para conseguir atender as necessidades dos alunos.

Já a coordenadora ressalta que é muito importante a “participação ativa nos planejamentos adaptados. Capacitação de professores e profissionais de apoio. Docência compartilhada e atendimento individual e coletivo na sala do AEE.” Para Menezes (2019), o professor deve começar a planejar seu trabalho depois que observar, nisso ele analisará as maiores dificuldades da criança com autismo e então aplicará metodologias voltadas à realidade do educando.

Dessa maneira, podemos ressaltar cada vez mais a necessidade de profissionais ativos e qualificados na área. Para tanto, é importante que a escola possua um atendimento educacional especializado contando com professores especialistas e aptos a potencializar as habilidades dos alunos com autismo.

Na quarta pergunta, procuramos analisar **a importância do diagnóstico da criança com autismo**. A coordenadora e a professora B possuem respostas complementares no sentido de que a professora B retrata que “o diagnóstico sem dúvida faz diferença, pois ajuda o professor a saber como proceder para aplicar as estratégias adequadas”. A coordenadora ressalta que:

É importante para essa criança conseguir o quanto antes o apoio que precisa para se desenvolver em todos os sentidos, eles têm características peculiares e necessitam de uma atenção multidisciplinar de vários profissionais, pois cada criança tem seu ritmo. (coordenadora).

Para Mitller (2000), a escola precisa criar um ambiente que possibilite seus alunos a desenvolver suas particularidades, oferecendo aos educandos um espaço voltado para o seu prosseguimento enquanto indivíduo e aluno, auxiliando na construção de sua aprendizagem. Portanto, enfatizamos a importância da escola adequar o ambiente escolar as necessidades das crianças com autismo.

Já a professora A procura trazer a relevância do diagnóstico voltado para os resultados que serão obtidos socialmente e emocionalmente dos alunos com autismo. Ela afirma que o diagnóstico “ajuda a melhorar as habilidades sociais e de comunicação da criança para realizar as intervenções de forma precoce”. Com isso, percebemos que, quanto mais rápido for realizado o diagnóstico, mais chances a criança com autismo tem de se desenvolver e superar suas dificuldades.

Na quinta pergunta, procuramos identificar se a escola promove **cursos de formação ou projetos para crianças com autismo**. A coordenadora e a Professora A afirmaram que desenvolvem projetos voltados para a inclusão. A coordenadora respondeu o seguinte: “Sim. Temos o projeto de sensibilização e inclusão e o cinema adaptado. Todos os projetos vão além das paredes da escola, envolve todas as escolas do município”.

Já a professora A respondeu “Sim. Semana municipal da pessoa com deficiência. Formação do município”. Em relação à formação ou projetos desenvolvidos pela própria escola, acreditamos serem fundamentais para que o professor se aperfeiçoe e aprimore suas práticas pedagógicas, pois é através das formações extraescolares que os profissionais vão adquirir conhecimentos relevantes para sua formação.

Ressalte-se que Mantoan (1997) destaca a importância da inclusão, levando em consideração que esta deve ser bastante presente no cotidiano escolar. Diante disso, é preciso que os docentes criem um aprimoramento em suas práticas através das habilidades e potencialidades, superando as dificuldades através da inclusão escolar. De encontro com a fala dos sujeitos acima, a professora B nega que a instituição escolar tenha projetos ou formação voltada ao autismo e sua resposta foi: “Não”.

Percebe-se que a professora B não busca se envolver com os assuntos relacionados à própria escola onde ela trabalha ou não tem acesso a tal informação, causando, assim, um desencontro de informações. Destacamos, portanto, a importância dos professores se envolverem com projetos desenvolvidos pelas escolas, procurando engajar-se e contribuindo para o desenvolver de um ensino voltado para inclusão.

Na sexta pergunta, procuramos verificar se as entrevistadas **se sentem preparadas para lidar com crianças com autismo e qual a importância da formação continuada para esse preparo**. A professora A, B e coordenadora responderam que não se sentem preparadas para lidar com crianças com autismo. Dentre as motivações para tal resposta, a professora A aponta que uma das principais é porque “eles têm comportamentos diferentes, considero que todos os dias são novos aprendizados”. A coordenadora acrescenta ainda a necessidade de buscar mais estudos, pois cada criança possui sua particularidade:

Buscamos constantemente através de estudos e com as vivências, condições psicológicas e físicas para trabalharmos com situações inesperadas, tendo em vista que cada aluno autista ou não é único. Não temos como saber e prever acontecimentos que por ventura possam acontecer. Gatilhos acontecem. Por isso, a formação continuada é importante, pois temos que buscar conhecimento e métodos educativos para atender melhor os nossos alunos. (Coordenadora).

Diante disso, podemos perceber a necessidade de profissionais especializados e que busquem a cada dia se qualificarem, buscando formações voltadas para uma educação inclusiva. Para Cunha (2015), o professor precisa estarem constante aprendizagem para de fato ter um melhor relacionamento com o mundo do autista. Nesse sentido, o autor evidencia que o professor enquanto educador precisa estar atualizado quanto às novas metodologias a serem aplicadas em sala de aula, sobretudo a se tratar de alunos com autismo.

Já a professora B aponta a ausência de suporte por parte do núcleo gestor da escola e afirma que a formação continuada é de extrema importância, pois a forma de educar sofre alterações ao longo do tempo, como podemos perceber em sua fala: “Sinto falta de apoio e orientações para o trabalho. O que sei e aplico é fruto de pesquisas e estudos. A formação continuada é importante, porque o mundo está em constante transformação, mas sinto de cursos mais práticos”.

Em síntese, é possível entendermos que, para haver uma educação inclusiva de fato, é necessário o apoio da escola e todos que a compõe, tais como: o corpo docente, gestão, pais, entre outros. Portanto, a ausência disso, acaba tornando o processo de inclusão difícil de ser concretizado e, conseqüentemente, inviabilizando um resultado tão satisfatório.

5. CONCLUSÃO

Essa pesquisa contribuiu para que pudéssemos refletir sobre o contexto atual do processo de ensino e aprendizagem de crianças com autismo no ensino fundamental. Nessa perspectiva, podemos perceber o quanto é notória a necessidade de inclusão dessas crianças nas escolas. Diante dessa situação, surgem os desafios enfrentados pelos docentes perante a carência de formações continuadas.

Os achados da pesquisa nos possibilitaram alcançar os objetivos da pesquisa na medida em que identificamos os principais desafios dos professores no processo de aprendizagem de crianças com autismo do ensino fundamental I e as estratégias de ensino aplicadas a crianças com autismo. Isso ficou evidente ao ser pontuada nas falas dos entrevistados a falta de recursos e de formação na área como principais dificuldades no desenvolvimento do processo de inclusão e a diversificação de atividades pedagógicas como estratégias de ensino.

Os professores apontam ainda a necessidade da inclusão de crianças com autismo, seja através de ações em sala de aula ou através dos projetos de inclusão desenvolvidos na escola. Portanto, fica evidente a necessidade de a escola assumir a responsabilidade em promover ações que proporcione a inclusão aos alunos.

Dessa forma, percebemos que a escola, juntamente com as políticas públicas, assume um papel fundamental na elaboração de atividades que promovam um melhor desempenho das crianças com autismo, possibilitando o desenvolvimento de suas habilidades. Nesse sentido, é de grande importância que os professores sejam qualificados para suprirem as necessidades desses alunos.

REFERÊNCIAS

AMERICAN Psychiatric Association. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM 5**. Porto Alegre: Artmed, 2013. Disponível em: <http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021

APARECIDA, Marli in Correia. **Educação Especial e sua trajetória histórica e política: uma abordagem crítica através de grupos de discussão**. Produções didático pedagógicas: os desafios da escola pública, 2016. Versão Online. ISBN 978-85-8015-094-0. Cadernos PDE. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_edespecial_uepg_marliaparecidacasprovcorcini.pdf. Acesso em: 10 ago. 2022.

BRASIL. **Constituição(1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei nº 13.146**, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da pessoa com deficiência. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/Lei/L13146.htm. Acesso em: 24 jul. 2020.

BRASIL, **Lei Berenice Piana**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF: 03 dez. 2014. **Lei Federal nº 12.764/2012**, de 27 de dezembro de 2012.

BRASIL. **Lei Nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm. Acesso em: 10 abr. 2021.

BRASIL. **Lei nº 7.853**, de 24 de outubro de 1989. Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17853.htm. Acesso 10 Maio. 2021.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, **2010**. 24 p. : il. – (Série B. Textos Básicos de Saúde).

CORREIA, Luís de Miranda. **Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas classes regulares**. Porto Editora, 1997.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e Inclusão: Psicopedagogia práticas educativas na escola e na família**. 6. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Brasília: UNESCO, 1994. Disponível: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2021.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido**. 2.ed. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LUDWIG, Antônio Carlos Will. **Fundamentos e práticas da metodologia científica**, 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. (Org.) **A integração de pessoas com deficiência**. São Paulo: Memnon/SENAC, 1997.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MENEZES, Maria Carolina Cavalcanti de Almeida; intervenções neuropsicopedagógicas em casos de autismo. **VI Congresso Nacional de Educação**, 2019. Disponível em: www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/Trabalho-EV127-MD4-SA10-ID783-22092019121035. Acesso em: 09 set. 2022.

MITLLER, Peter. **Educação Inclusiva: contextos sociais**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.

MOREIRA, Jéssica. BASÍLIO, Ana. **Autismo e escola: os desafios e a necessidade de inclusão**. Reportagem. 2014. Disponível em: <http://www.educacaointegral.org.br/reportagens/autismo-escola-os-desafios-necessidade-da-inclusao/>. Acesso em: 9 set. 2021.

PERES, Edis Henrique et al. Cerca de 2 milhões de Pessoas vivem com autismo no Brasil. **Correio Braziliense (online)**. Brasília, DF. 02 abr. 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/04/4997766-cerca-de-2-milhoes-de-pessoas-vivem-com-o-autismo-no-brasil.html>> Acesso em: 9. Set. 2022.

PRAÇA, Élide Tamara Prata de Oliveira. **Uma reflexão acerca da inclusão de aluno autista no ensino regular**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática) Universidade Federal de Juiz de Fora. Instituto de ciências exatas. Pós- Graduação em Educação Matemática, Juiz de Fora, 2011. Disponível em: www.ufjf.br/mestradoedumat/files/2011/05/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Elida.pdf. Acesso em: 19 mar.2021.

SANTOS, Ana Maria Tarcitano. **Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar**. São Paulo: CRDA, 2008.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mundo Singular: Entenda o autismo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

Recebido em: 14/12/2022
Aprovado em: 02/03/2023